

# A HOMOSSEXUALIDADE E A SUA HISTÓRIA

Francisco Carlos MOREIRA FILHO<sup>1</sup>  
Daniela Martins MADRID<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo é peça chave no estudo do reconhecimento da união homoafetiva, no qual se verifica que a homossexualidade sempre esteve presente na história da humanidade, sendo que em um primeiro momento, percebe-se que as relações homossexuais não causavam nenhum tipo de estranheza e eram praticadas em várias civilizações, dentre as mais importantes: a Romana, Grega e Asiática. Porém com o surgimento de novos entendimentos religiosos e questões de interesse político, a homossexualidade passou a ser vista com outros olhos, sendo condenada por não ser uma prática não natural, em que se passou a perseguir e condenar os seus praticantes, sendo repudiada pela sociedade, que ainda hoje, vê a homossexualidade como um ato imoral e pecaminoso que não merece nenhum tipo de amparo, por considerar os homossexuais como pessoas doentes e que necessitam de tratamento.

**Palavras-chave:** Homossexualidade.  
Homossexual. Bissexual. Política. Religião.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tratou da história da homossexualidade desde os primórdios da humanidade até os dias atuais. Verificou-se que a homossexualidade em tempos remotos era algo natural, sendo que para muitos povos era um ritual de

---

<sup>1</sup> Discente do 5º ano do curso de Direito das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente, e-mail: mandaprofrancisco@gmail.com.

<sup>2</sup> Docente do curso de Direito das Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. Especialista em Direito Civil e Processo Civil pelas Faculdades Integradas “Antonio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente, Supervisora de Monografia e Supervisora de Prática Profissional pela mesma Instituição. E-mail: danielamadrid@unitoledo.br. Orientadora do trabalho.

grande importância, em que a relação homossexual era uma forma de transição de um momento na vida daquele ente tribal.

O referido artigo é de suma importância, servindo como base na discussão do reconhecimento da união homoafetiva como entidade familiar, em que o reconhecimento da referida união, poderá conferir os mesmos direitos já garantidos aos casais que vivem em regime de união estável, alcançando, desta forma, a dignidade humana, direito fundamental garantido pela Constituição Federal brasileira.

## 2 HISTÓRICO

Muita polêmica gira em torno do tema “homossexualidade”, do qual vem se questionando se é uma doença, em que a homossexualidade se dá por um desvio comportamental do indivíduo; ou por uma questão biogenética, em que o indivíduo, mulher ou homem, tornam-se homossexuais durante o desenvolvimento intra-uterino, em que a quantidade de hormônio masculino (testosterona) recebido pelo feto, pode determinar se o indivíduo em uma fase mais madura de sua vida terá uma inclinação para o sexo oposto ou semelhante ao seu. Ou ainda, que trata tão somente de uma escolha, ou seja, uma questão de orientação sexual, em que o indivíduo escolhe se relacionar com alguém do mesmo sexo ou não, podendo também, escolher se relacionar com ambos.

A verdade é que, a homossexualidade não é algo novo no comportamento humano, não se trata de uma forma “moderna” de viver. A homossexualidade é algo que já existe há muito tempo, ou seja, mesmo antes de Cristo, já se verificava a existência de relações homossexuais.

E não é somente entre o ser humano é que se verifica tal tipo de comportamento, o mesmo pode ser verificado em diversas espécies de animais, sendo o assunto tratado por muitos autores; como exemplo o biólogo Bruce Bagemihl (1999) *apud* Brito (2000, p. 48) “(...) publicou este ano seu livro “Biological Exuberance – Animal Homosexuality and Natural Diversity” (Exuberância Biológica –

Homossexualidade Animal e diversidade Natural), onde apresentou provas mais do que convincentes e irrefutáveis de que existe homossexualidade e vasta diversidade de comportamento sexual entre os bichos.”, podendo assim verificar que o relacionamento entre semelhantes é completamente natural.

O comportamento que se verifica, com relação à homossexualidade entre os animais se dá em razão, de que a fêmea necessita do macho tão somente para procriação, contudo, dentre inúmeros indivíduos de um grupo qualquer de animais, apenas os mais velhos e mais fortes é que podem copular com uma fêmea no cio, porém os demais machos do grupo que não podem copular com as fêmeas, apenas por motivo de serem mais fracos ou submissos ao líder, não significando que os mesmos não possam procriar, já que o processo de produção de sêmem é contínuo e ilimitado; de tal forma que estes machos tendem a eliminar o excesso de sêmem, podendo ser em “atividades homossexuais, heterossexuais, exibicionista e masturbatórias” (Spencer, 1999, p. 17).

Segundo Colin Spencer (1999, p. 17), em sua obra “Homossexualidade: uma história”, o Autor relata, “com base em observações mais recentes de zoólogos, que o relacionamento sexual entre dois primatas do mesmo gênero é com freqüência uma solução positiva para a rivalidade entre machos jovens e maduros; já que o macho dominante apoderou-se de todas as fêmeas, e os machos mais jovens procuram e conseguem proteção do adulto superior pela adoção de uma postura feminina, tornando-se assim, também objeto de ataques sexuais, reais ou simbólicos”. Em fim, a homossexualidade no reino animal é uma prática natural, sendo assim, é de se pensar que o mesmo ocorra com o homem.

A verdade é que, seja ele um ato instintivo ou não, a existência da homossexualidade remonta desde os primórdios da humanidade. Em um estudo detalhado de antropólogos a cerca da homossexualidade, revelou a prática de rituais homossexuais a mais ou menos 10.000 atrás. Segundo estes estudos relatados na obra de Spencer (1999), que o homossexualismo ritual era exercitado com fim de iniciação, ou seja, os jovens destas tribos, com idade de 12 e 13 anos, eram penetrados por seus tios maternos, sendo que o esperma de seu tio seria essencial para se tornarem fortes, e assim passar da infância para a fase adulta.

Contudo estudos mais aprofundados a cerca da homossexualidade nesta época são escassos, tendo em vista que antropólogos mais antigos relutavam,

talvez por uma questão moral ou por medo, de relatarem com maior profundidade a cerca do tema.

Porém, são inúmeros os estudos sobre a homossexualidade na Antiga Grécia e no Império Romano. Na Grécia Antiga, onde as mulheres eram vista totalmente inferiores aos homens, tanto que somente os homens é que recebia educação, cabendo as mulheres aprenderem somente os tratos domésticos e serem mães, era de costume que os homens se reunissem para discursos intelectual e culto ao belo. É neste culto ao belo é que se pode verificar a homossexualidade na Grécia Antiga, pois muitos dos gregos principalmente os mais velhos se reúnem nos ginásios para apreciar a beleza física dos jovens, que nestes ginásios se mantinham nus.

A homossexualidade na Grécia Antiga não se atinha ao discurso de pensamentos filosófico e culto ao belo. Segundo Maria Berenice Dias (Dias, 2000, p. 24 e 25) “existiam manifestações homossexuais nas representações teatrais, em que os papéis femininos eram representados por homens transvestidos de mulheres ou usando mascaras com feições femininas”.

Considerando que as mulheres não ocupavam nenhum papel relevante nesta sociedade, a não ser as cortesãs que se relacionavam de igual para igual com os homens, não tinham elas nenhuma base para educar os seus filhos homens, sendo que quando a criança entrava na adolescência, era de costume que a família deste adolescente elegesse um homem mais velho, ao qual era passado a obrigação de educar este adolescente. Segundo estudos, em razão desta relação de um educador e um educando é que deu surgimento a pederastia, que acabou por se difundir pelas demais ilhas gregas.

É importante frisar, que esta relação pederastica era aprovada pela família, porém não era qualquer um que seria o Erastes (homem mais velho), já que o candidato passava pelo crivo de aprovação da família e também dependia de aceitação do Erômenos (adolescente), para que então o Erastes viesse a servir como amigo e educador deste adolescente, que neste processo de aprendizado, o Erômenos se submetia como uma mulher a esta relação.

Entende-se que este processo de aprendizado, iniciado com a sedução do Erômenos, acontecia por volta dos 12 anos de idade, permanecendo o

adolescente na condição de parceiro passivo até os 18 anos, e tornando um homem adulto aos 25 anos de idade, a partir desta idade, ele já poderia assumir o papel ativo de uma futura relação pederástica, o que não implicaria em restrição alguma quando o mesmo viesse a se casar, sendo que o mais comum, era que os jovens assumiam a posição ativa da relação, e que escolheriam um menino para ser o seu Erômenos, e só depois que isto ocorresse é que se casavam. Assim se perfazia o ciclo de que, aquele que um dia foi o Erômenos se tornaria o Erastes

É importante esclarecer, que a relação homossexual entre um jovem e um homem mais velho era abertamente aceita e tida como natural, porém as relações entre homens da mesma idade não eram aceitas; acreditava-se que o homem que assumia postura passiva, não era tido como verdadeiro homem, pois o homem só assumia a postura ativa, ou seja, qualidade de “macho”, sendo que os passivos eram as mulheres, os jovens e os escravos, já que estes estavam em um plano inferior na sociedade.

Já no Império Romano, as coisas eram diferentes, apesar de muitos escritores afirmarem que Roma tinha sofrido influências gregas, e assim, demonstrar que as práticas homossexuais eram as mesmas. Porém muitos estudos demonstram que não era verdade, que em determinados pontos existia uma diferença drástica a cerca do tema. É de se dizer que no início do Império Romano, o desejo sexual que se tinha dos jovens era altamente aceitável, mas tal aceitação sofreu mudanças durante a existência do Império Romano. O amor entre um romano e um jovem livre não era bem aceita, ainda que popular, sendo que este tipo de relação era punido com multa, contudo, o amor de um romano e um escravo não sofria nenhum tipo de restrição.

Nesta sociedade também existia uma repulsa com relação ao homem romano que adotava a condição de passivo, ou seja, mantinha-se a mesma concepção que o gregos tinham a respeito a passividade, que esta só deveria ser típica de mulheres, jovens e escravos. Porém esta desaprovação não era absoluta, pois a virilidade era requisito essencial, exemplo disto é a de Júlio César, que mantinha um caso com Nicomedes, rei de Bitínia, sendo que nesta relação César adotava a condição de passivo, o que para os Romanos era um ato ilícito, contudo, César também tinha uma reputação de conquistador de mulheres, destacando-se dentre tantas que não resistiram aos seus encantos Cleópatra.

Porém já no fim do Império Romano, a aceitação de relações homossexuais mudou completamente de sentido, foi com Justiniano, em 533 a.C., passou a punir a homossexualidade com a fogueira e a castração, alegando ele que a prática homossexual não era um ato aceito por Deus. Assim com a forte repressão homossexual, que na verdade em todas estas sociedades citadas o que predominava era o bissexualismo, já que os homens se uniam às mulheres a fim de reprodução, é que passou a predominar a relação heterossexual, surgindo o casamento e a família.

Não só nestas duas grandes civilizações, Grécia Antiga e Roma, que se verificavam as relações homossexuais de forma natural, o mesmo também ocorria no Oriente. Na Índia, que em razão dos deuses serem afetiva e sexualmente bissexuais, já que existiam deuses hermafroditas, travestidas e outras que mudavam de sexo, que acabou por influenciar a população no mesmo sentido. Para os indianos, o sexo não era visto somente para procriação, mas para a obtenção de prazer e poder, de tal forma que a relação entre semelhantes era natural, pois nesta relação eles estavam em busca do prazer, sendo que este prazer estava mais ligado ao misticismo, pois com o orgasmo seria possível compreender os enigmas de seus deuses.

Por celebrarem o prazer sexual, os indianos descreviam pormenorizadamente posições sexuais em que se poderia alcançar um maior prazer, prova disto é famoso texto “Kamasutra” que descreve inúmeras posições sexuais. Assim, a homossexualidade/bissexualidade sempre foi tratada de forma natural, porém sofrendo algumas oposições sem maior significância.

Na China também se verifica que as relações homossexuais eram tratadas de forma natural. A homossexualidade era influenciada por seus imperadores, sendo que cada imperador tinha inúmeros “favoritos”, sendo que havia uma grande disputa na corte para se tornar um favorito, já que em consequência da relação do imperador com o seu favorito, este era favorecido com riqueza e prestígio. O mesmo ocorria no Japão, que não tem uma visão pecaminosa das relações homossexuais..

Porém, a visão que estes povos tinham com relação a homossexualidade foi alterada com o surgimento do “cristianismo”, que passou a condenar toda e qualquer forma de atividade sexual estéril, ou seja, que não fosse

senão o fim único de procriação, sendo a homossexualidade inserida neste meio. Sendo que os cristãos relacionavam a homossexualidade a comportamentos de animais considerados por eles impuros, e com o politeísmo, que é a crença em mais de uma divindade de gênero masculino, feminino ou indefinido, do qual o cristianismo é contrário.

Como dito anteriormente, foi no século V, com Justiniano que surgiu as primeiras leis de repressão à homossexualidade, que apenava os seus praticantes com a castração e fogueira. Segundo Arthur Virmond de Lacerda Neto (Neto, 2008) apud Willian Naphy (2004, pp. 288), “A igreja católica reprovava a homossexualidade, como mais uma dentre outras atividades sexuais, sendo os mais graves o adultério e o incesto. Passou a reprová-lo com maior intensidade no século XII, época em que S. Anselmo reputava-o tão difundido, que ninguém dele se envergonhava (ao tempo, notabilizou-se a paixão de Ricardo I, Coração de Leão, da Inglaterra, por Felipe II, da França): pelo Concílio de Latrão (1.179), os padres homossexuais perderiam a sua condição clerical e seriam confinados em mosteiros, vitaliciamente, enquanto os leigos seriam excomungados.”

Porém, alguns estudiosos entendem que a repressão em relação ao homossexualismo estava ligado mais a uma questão política que religiosa, que segundo Spencer (Spencer, 1999, p. 74) “O historiador da corte de Justiniano, Procópio, alegava que a motivação dessa legislação (impopular e que pouco fez para deter o comportamento homossexual) era política e não religiosa, já que prisões sob essa acusação eram um método conveniente para afastar pessoas indesejáveis.”

### **3 CONCLUSÃO**

Diante deste breve histórico, é possível verificar que a homossexualidade sempre foi algo natural em quase todo o mundo; porém com o surgimento do cristianismo estes valores foram alterados, sendo que se passou a reprovar a homossexualidade, punindo os seus praticantes de formas cruéis, sendo que até os dias de hoje em alguns países a punição para o homossexual é a morte.

O presente artigo tem relevante importância, a fim de demonstrar que a homossexualidade sempre esteve presente na sociedade, desde as classes mais baixas até nobreza. A sua importância, porém não se prende somente em demonstrar que a homossexualidade faz parte da história da humanidade, mas que com isto mostrar que a homossexualidade não deve ser marginalizada, e assim conceder garantias a esta “minoría”, algo de grande importância na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SPENCER, Colin (1999). **Homossexualidade: uma história**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BRANDÃO, Débora Vanessa Caús (2002). **Parcerias homossexuais: aspectos jurídicos**. São Paulo: RT, 2002.

DIAS, Maria Berenice (2000). **União homossexual: o preconceito & a justiça**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2000.

BRITO, Fernanda de Almeida (2000). **União afetiva entre homossexuais e seus aspectos**. São Paulo: LTr, 2000.

SILVA, Américo Luís Martins da (1996). **A evolução do direito e a realidade das uniões**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 1996.

NETO, Arthur Virmond de Lacerda. **História da Homossexualidade – Parte 1 e 2**. Disponível em: <http://www.revistaladoa.com.br/website/artigo.asp>. Acesso em: 15 ago. 2008.